

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**

18 de setembro de 2024

**RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA (parte III)**

**LES ÂMES FORTES / 2001**

*As Almas Fortes*

*Um filme de Raúl Ruiz*

**Realização:** Raúl Ruiz / **Montagem:** Béatrice Clérico, Valeria Sarmiento / **Argumento:** Alexandre Astruc, Mitchell Hooper, Alain Majani d’Inguibert, Eric Neuhoff, baseado no homónimo romance de Jean Giono / **Interpretação:** Laetitia Casta (Thérèse), Frédéric Diefenthal (Firmin), Arielle Dombasle (Madame Numance), John Malkovich (Monsieur Numance), Charles Berling (Reveillard), Johan Leysen (Rampal) / **Música:** Jorge Arriagada / **Fotografia:** Eric Gautier / **Décors:** Cathy Blais, Gil Mas / **Guarda-Roupa:** Marielle Robaut

**Produtores:** Dimitri de Clercq, Marc de Lassus Saint-Geniès, Alain Majani d’Inguibert / **Cópia:** 35mm, a cores, com diálogos em francês, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 120 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

\*\*

Na impossibilidade de apresentarmos a habitual folha de sala, reproduzimos a crítica de Manuel Cintra Ferreira publicada no *Expresso Cartaz* em junho de 2002. Pelo facto, as nossas desculpas.

**A generosidade pode ser um pecado. O mal do bem.**

Jean Giono de novo no cinema. A primeira vez foi pela mão de Marcel Pagnol, outro autor que soube falar da Provença de uma forma particular e inconfundível, quando adaptou, em 1934, *Un De Baumuges*, num filme a que deu o título de ANGÉLE, e, em 1937, *Regain*. Depois seguiu-se um hiato de um quarto de século (os anos “malditos” do escritor). Em 1963, sob o efeito “Nouvelle Vague”, surgiu um novo “par” de Giono, quando Françoise Leterrier (que fora o intérprete de UN CONDAMNÉ À MORT S’EST ÉCHAPPÉ de Bresson) e Christian Marquand (interpretou ET DIEU... CRÉA LA FEMME de Vadim, e UNE VIE, de Alexandre Astruc, que voltamos a encontrar neste filme de Raoul Ruiz como argumentista) adaptaram ao ecrã, respetivamente, *Un Rois Sans Divertissement* e *Les Grands Chemins/Os caminhos da Violência*. Outro salto de mais duas décadas até que, em 1995, Jean-Paul Rappeneau transformou a obra-prima do escritor, *Le Hussard sur le Toit / O Hussardo no Telhado*, num filme bastante interessante.

Para não fugir à regra, o filme de Rappeneau precisava de um “par”, que Raoul Ruiz lhe dá, sete anos depois, com esta adaptação de *Les Âmes Fortes*. Não se pode dizer que Jean Giono tenha sido muito infeliz nas suas relações com o cinema. Entre meia dúzia (pelo menos) de adaptações, encontramos três que se destacam particularmente, menos talvez por uma fidelidade ao seu espírito e mais pela forma como os adaptadores souberam “recriar” um universo particular e integrá-lo nos seus: Pagnol nos dois primeiros filmes, Astruc e Raoul Ruiz no mais recente.

Para o cinéfilo que conheça a obra de Raoul Ruiz, a incursão no mundo de Giono poderá surpreender. É que nada no romance, e no autor, se prestava às incursões surrealizantes que pontuam praticamente todos os seus filmes, e a que nem a sua singular apropriação do universo de Proust em *LE TEMPS RETROUVÉ* escapa. Nas cenas do “presente” (que é 1945, o fim da guerra, tempo de ajustes de contas, que é como se encena também o diálogo das velhas que a pouco e pouco adensa e “decifra” a história de Thérèse, sobre quem parecem exercer um julgamento), Raoul Ruiz ainda faz uso da sua técnica inconfundível na movimentação da câmara e cenários dentro do plano. Mas parece ser apenas uma forma de fazer o gosto ao dedo, porque é breve. A construção do filme é singularmente clássica, assim como a narrativa, formada por alguns “flash-backs” a partir da reunião das velhas numa noite, após um velório, em que confrontam a velha Thérèse com o seu passado.

A história que se conta leva-nos para os exteriores, numa região de Provença, e para o passado, no fim do século XIX, quando Thérèse em jovem foge com o noivo da aldeia que habitam e procuram trabalho numa região próxima. O casal Thérèse-Firmin tem o seu contraponto no casal Numance, ricos e generosos proprietários que se deixam espoliar a pouco e pouco dos seus haveres por um usurário que serve de intermediário para negócios arriscados de oportunistas que exploram o casal. De entre todos os personagens do filme, são os Numance (Arielle Dombasle e John Malkovich) os mais fascinantes. Não tanto pelos seus actos de (insensata) generosidade (até o padre os alerta para os riscos) mas pelo que os motiva. Que pulsão os empurra para o aniquilamento? Há um diálogo entre os dois que parece revelar uma faceta maquiavélica, mas a evolução não esclarece tal atitude. A “pureza” e a bondade da senhora Numance roçam mais o masoquismo, mas também este não explica tudo. Há algo nos seus actos que incomoda, porque vemos como o bem não gera necessariamente o bem, e que o acto de fazer o bem pode não ser também um bem em si. Todos os atos são ambivalentes. A vingança de Thérèse está igualmente marcada por essa ambiguidade que percorre todo o filme. O bem e o mal não existem. Apenas a vida.